

Poesia

para todos

ANO 1

Nº 2

Preço: R\$10,00 RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL



Vinicius de Moraes: 20 anos de ausência
“No mausoléu de Alphonsus de Guimaraens” de Augusto Frederico Schmidt
Antologia • Antevéspera do livro • Releitura • Poemas traduzidos • Fala, poeta!

NESTE NÚMERO: A.B. Mendes Cadaxa / Adelaide Petters Lessa / Afonso Félix de Sousa / Alexandre "Libertário" / Alphonsus de Guimaraens Filho / Ana Elisa Mercadante / Ana Júlia Marinhos / Anderson Braga Horta / Astrid Cabral / Augusto de Abreu / Augusto Frederico Schmidt / Augusto Guimaraens Cavalcanti / Brasigóis Felício / Cassiano Nunes / Cely Vilhena / Cenir Daniel Rodrigues / Ciro José Tavares / Cosme Custódio da Silva / Danilo Gomes / Darcy Denófrio / Edir Meirelles / Emanuel de Moraes / Emil de Castro / Eric Ponty / Felipe de Paula / Fernanda Cristina Soares / Fernando Mendes Vianna / Fernando Py / Francisco Miguel de Moura / Irapuam de Barros Pinto / Joanyr de Oliveira / João Loureiro de Albuquerque / Jorge Luiz Antonio / José Livio Dantas / Júlio de Queiroz / Laene Teixeira Mucci / Lucrecia Martins Rodrigues / Luiz F. Papi / Marcos Costa Filho / Maria do Carmo Ferreira / Maria do Carmo Gaspar de Oliveira / Maria José de Queiroz / Maria Louzada / Maria Lúcia Félix / Mario Basacchi / Marlene Bomtempo / Mariana Vitorino da Silva / Matusalém Dias de Moura / Mauro Salles / Natália Lopes de Paula Andade / Nilto Maciel / Onévio Zabet / Osmard Andrade Faria / Sonia Sales / Xavier Placer / Paulo Celso / Paulo Sousa / Pedro Macário / Rosa Jurandir Braz / Rosângela Campos de Melo / Reynaldo Valinho Alvarez / Sandra Regina Moralles / Sebastião Júnior dos Santos / Sílvio Castro / Sonia Sales / Therezinha Juliana Almeida da Fonseca / Túlio Lopes de Paula Andrade / Vili Santos Andersen / Marcos Costa Filho / Vinicius de Moraes / Waldemar German / Waldir Ribeiro do Val / Waly Salomão / Wanderley Francisconi Mendes / Xavier Placer / Yeda Prates Bernis / Yone Rodrigues.

RESPONDENDO AO CARTEIRO

Paulo Sousa

Diante do mar, o poeta recita ao carteiro um poema de ritmo que reproduz o próprio movimento marítimo. O carteiro diz que, ao ouvi-lo, sentiu-se como um barco jogado entre as palavras. O poeta afirma que ele acabou de inventar uma metáfora. Após o susto com a espontaneidade de sua criação, pergunta o carteiro ao poeta: “quer dizer então que todo o mundo — ou seja, o mar, o céu, as nuvens etc. — pode ser uma metáfora para uma outra coisa?” O poeta estranha a indagação e o carteiro, percebendo sua reação, questiona se não havia dito alguma asneira. Respondendo que não, o poeta levanta-se em direção ao mar e propõe um trato: pensar e responder no dia posterior.

O parágrafo anterior descreve uma cena do filme “O Carteiro e o Poeta” de Michael Radford, onde grande parte do enredo se faz a partir do diálogo pedagógico entre um personagem poeta — Pablo Neruda —, e um personagem aspirante a ser poeta — o carteiro Mario Ruoppolo. Entretanto, ainda que a variedade das metáforas no falar subsequente do poeta possa ser interpretada como insinuante de uma resposta implícita, no restante do filme não se retoma o tema do trato.

Neste artigo, pretendo completar a pedagogia do poeta, oferecendo ao carteiro um argumento explícito, ademais, considerando alguns aspectos da relação entre poesia, metáfora e juízo estético.

Uma metáfora descreve um DOMÍNIO ALVO de coisas a partir de um outro DOMÍNIO FONTE de coisas. Essa descrição é o resultado de uma comparação entre esses dois domínios e da postulação de uma similaridade entre eles. Por exemplo, uma sentença como “o céu está chorando”. Ela pode ser interpretada como uma metáfora que diz estar chovendo. Neste caso, o domínio fonte é o choro e o domínio alvo é a chuva, sendo que a similaridade suposta é A CHUVA É (COMO) UM CHORO. Como também pode ser interpretada como uma metáfora que diz que o homem de olhos azuis está chorando. Neste

caso, o domínio fonte é o céu azul e o domínio alvo são os olhos azuis do homem, sendo que a similaridade suposta é O AZUL DOS OLHOS É (COMO) O AZUL DO CÉU.

A indagação do carteiro poderia receber então a seguinte reformulação: quaisquer coisas podem funcionar como um domínio fonte que descreve metaforicamente outro domínio alvo de coisas quaisquer?

Tirante os casos em que as coisas são idênticas, pode-se dizer que a resposta é positiva. Pois o conceito de similaridade que está na base da definição do termo “metáfora” é vago o suficiente para permitir que qualquer coisa seja similar a outra coisa qualquer em algum aspecto qualquer. Em outros termos, uma afirmação ontológica do tipo “tudo é similar a tudo” é verdadeira, contudo trivialmente verdadeira.

Se isso soa antiintuitivo, que o leitor pense, por alguns instantes, se existem similaridades entre coisas bem diferentes. Como, por exemplo, entre um neveiro e um gato ou entre almas amantes e um compasso (instrumento de traçar circunferências).

Não parecem existir. Todavia, um neveiro avança com o andar cauteloso de um gato, se senta olhando a cidade e depois sai silenciosamente. E duas almas amantes são como as hastes de um compasso: se uma haste se move, a outra também se move, quando uma se afasta a outra se inclina a sua procura e fica ereta quando esta volta para casa. (Duas metáforas semelhantes estão presentes respectivamente nos poemas “Fog” de Carl Sandburg e “A Valediction: Forbidding Mourning” de John Donne.)

Portanto, coisas aparentemente as mais díspares ficam apenas na expectativa de que alguma mente criativa explicita algum aspecto

em que são similares. E aqui reside o fundamento da liberdade do poeta: já que o princípio de similaridade não é restritivo, o mundo torna-se maleável ante seu poder criativo.

No entanto, daí desponta também um problema: como separar, dentre todas as metáforas possíveis, aquelas que servem para fins estéticos? Ou seja, quais as metáforas são meios eficazes para se construir um belo poema?

Em outros tipos de afazeres cognitivos, onde os objetivos não são primeiramente estéticos, existem critérios compartilhados para uma tal demarcação de eficácia. Por exemplo, quando o objetivo é didático, uma boa metáfora é aquela que realça os elementos fundamentais do que se quer ensinar, tornando também a explicação mnemonicamente mais atraente. Ou quando o objetivo é científico, uma boa metáfora é aquela que tem vigor heurístico, proporcionando novas previsões na resolução de problemas.

Entretanto, ao contrário, quando o objetivo é evocar um sentimento de beleza, não existem critérios compartilhados e absolutos que assegurem a eficácia de uma metáfora, simplesmente porque esse sentimento é essencialmente relativo: no que um poeta contempla a mais bela e profunda das metáforas, outra pessoa (poeta, crítico literário ou leitor comum) pode perceber a mais tola, mais superficial, mais insignificante.

Por conseqüência, o poeta vive, no âmago de sua criatividade, a dialética entre a liberdade para sua satisfação expressiva e a contingência do juízo estético.

Paulo Sousa, nascido em Brasília, é poeta e antropólogo. Na qualidade de poeta, publicou *Sousa quase sócia* (1995) e apareceu nas antologias *A poesia goiana do século XX* (1997) e *Poesia de Brasília* (1998). Enquanto

antropólogo, é mestre pela UnB, mestre em ciência cognitivas pelo CREA, França, doutorando na Universidade de Michigan, EUA, e tem publicado artigos no Brasil e no exterior. e-mail: psousa@umich.edu